

A TERESINA QUE CONHECI

Jesualdo Cavalcanti*

Ao meio-dia de 27 de dezembro estávamos sobrevoando Teresina. Lá embaixo, acomodada entre os rios, espalhava-se a cidade. De um lado, as águas do Velho Monge lambiam roças e quintais tangidas pela última enxurrada. Adiante, esnobava elegância a ponte “João Luiz Ferreira”, inaugurada em 1939. À direita, o centro histórico com suas ruas largas e alinhadas, quarteirões regulares, casas enfileiradas, quintais verdejantes, praças arborizadas. Verdadeiramente uma “Cidade Verde”, como a denominou Coelho Neto quando a visitou em 28 de julho de 1899.

Afora as torres da igreja de São Benedito no alto da Jurubeba, destacava-se, sobranceiro e dominador, o edifício do IAPC, o prédio mais alto da cidade. Laçando a cidade pelo outro lado, o rio Poti vagava na sua lenta correnteza, ainda não empurrada pelas águas das chuvas tardias do Ceará. Afinal, o dia de São José estava muito distante.

Desembarcamos no acanhado campo de aviação de Teresina. Ao alcançar a escada do avião, o impacto daquela lufada de vapor a quase 40º C, lançada ao peito de quem estava habituado a uma temperatura de menos de vinte, fosse em Goiânia ou mesmo em Corrente.

A pista, apenas encascalhada, cobria de poeira a velha estação de passageiros do final da Avenida Santos Dumont (a pista, posteriormente ampliada e asfaltada, seria inaugurada em 20 de janeiro de 1962, tendo ao lado o novo terminal de passageiros, construído mais adiante, com entrada pela Avenida Centenário, hoje denominado de Aeroporto Senador Petrônio Portella).

Eis-nos, enfim, na capital piauiense. Eu, para ficar definitivamente. Gildete e filhas para visitar a família. E também conhecer Teresina, da qual tínhamos apenas vaga idéia, mais por ouvir dizer, já que o Piauí pouco freqüentava as páginas dos jornais e revistas do centro-sul do País. Por outro lado, gente de Corrente, à época, como, de resto, do extremo sul do Piauí,

primeiro conhecia Salvador, Recife, Goiânia, Rio de Janeiro ou São Paulo. Só depois, oxalá, tinha oportunidade de conhecer a capital de seu Estado. Não por ser chique, mas por absoluta falta de meios de transportes. Decorreu justamente de tais dificuldades o fato de o mano Justino haver sido encaminhado para estudar aos cuidados do tio João Pacheco Cavalcanti Borges, juiz de Direito de Bom Jesus, em 1938, ainda menino, só voltando a Corrente oito anos depois. Envergava garbosamente a farda de aspirante do Exército Nacional, despertando incontidas manifestações de inveja nos jovens e langorosos suspiros nas meninas. Daí a ausência demorada, sabendo-se, de antemão, que um mês de férias não era suficiente para vencer aqueles sertões distantes e isolados.

Mamãe e papai nos esperavam na acanhada estação de passageiros. Desembarçada a bagagem, procurei o sanitário. Na parede a advertência que jamais esqueci, rabiscada a giz: “Não adianta sacudir, amigo, pois o último pinga será sempre da cueca.” Teresina, para mim, começava bem descontraída, alegre e gracejadora. Tomamos o jipe que servia de táxi e rumamos para a Rua Arlindo Nogueira, 544-sul, a residência da família.

Havia muito que ver, descobrir, indagar, conhecer, para matar a curiosidade. Afinal, vínhamos de outras bandas, sob a influência de culturas e realidades bastante diferentes. Primeiro de uma Corrente meio-baiana, depois passando por uma Goiânia tocada pelo sopro de ares paulistas e mineiros, enfim, outros usos e costumes.

Ceminha, que concluía o curso de enfermagem em 1956 e trabalhava na maternidade onde estudara, havia passado cerca de trinta dias de férias em Teresina e retornara a Goiânia em setembro de 1957. Contudo, poucos dias depois mandaria carta a meus pais comunicando sua decisão de ingressar no convento. Seria freira, irmã de Caridade de São Vicente de Paulo, seguindo a irresistível vocação de dedicar seus dias a minorar o sofrimento alheio, principalmente de velhinhos doentes e desamparados. Tornar-se-ia, pois, esposa de Nosso Senhor Jesus Cristo, como afirmara na carta. A comunicação, certamente por inesperada, atingiu como um duro golpe o casal, embora ambos fossem fiéis e fervorosos católicos apostólicos romanos.

Atordado, papai passara o dia calado, ensimesmado, remoendo pelos cantos sua tristeza pelo suposto gesto de desconsideração da filha. No jantar, reunida a família em torno da comprida mesa, como ocorria diariamente, coube ao tio João Pacheco Cavalcanti Borges, que se achava ocasionalmente

em Teresina, vindo de Fortaleza a serviço de sua advocacia, quebrar o constrangedor silêncio com sua verve inconfundível:

- Deixa pra lá, Sebastião, a vida é assim mesmo. Ninguém cria filho para si. Além do mais, não há motivo para chateação. Você já pensou o que é ser sogro de Jesus Cristo? Não é pouca coisa! Ora, sendo eu apenas tio da esposa do Homem, já me dou por satisfeito e honrado, quanto mais você, o sogro! Pois acabe com esse calundu e vamos comemorar o casório. Ora, ora, Bastião da Malhada, sogro de Nosso Senhor Jesus Cristo, e ainda reclama da sorte!

Evaporou-se o mal-estar, a descontração foi geral e todo mundo caiu na gargalhada. Afinal, quem tinha quinze filhos poderia perfeitamente dedicar pelo menos um ao serviço do Senhor, como argumentava a mana Cleomar.

Teresina, assim denominada em homenagem à imperatriz Teresa Cristina, esposa do imperador dom Pedro II. A obra-prima que o gênio progressista do jovem presidente da Província, o baiano José Antônio Saraiva, houve por bem conceber e “edificar no mais belo e agradável lugar da margem do Parnaíba”, como prometera.

Fundara-a, autorizado pela Lei nº 315, de 20 de julho de 1852, com o alegado propósito de resgatar o Piauí do isolamento e que seria rompido, segundo sustentava, somente com a mudança de seu “centro governativo”, então enclausurado atrás dos morros da vetusta Oeiras, para a margem direita do caudaloso Parnaíba.

Garantia que a navegação do Parnaíba teria maior desenvolvimento e poderiam ser aproveitadas “as ricas matas do Gilbués, as férteis terras das margens daquele rio, e do Uruçuí, ou antes as imensas riquezas até hoje perdidas para a Província”. Além do mais, assim localizada, poderia “gozar a capital do grande benefício da facilidade de suas relações políticas e comerciais com a Corte, e de todos os grandes centros de civilização do Império”.¹

Para construí-la, Saraiva tivera que ferir “interesses e preconceitos”, romper o ceticismo, a desolação e até a revolta de alguns. Afinal, não dissera o grande Zacarias de Góes e Vasconcelos que “não é possível improvisar uma cidade sem dinheiro” e que, em vista disso, os oeirenses podiam sem receio

¹ Mensagem à Assembléia Legislativa Provincial, de 3 de julho de 1851.

edificar suas casas, pois “primeiro hão de elas, cedendo ao tempo, arruinar-se, que sair dos morros de Oeiras a capital da Província”?²

Por isso Saraiva tinha tanta pressa em cumprir esse desiderato. Entre a data da publicação da lei e sua execução não demandara trinta dias. Tanto que a 16 de agosto de 1852 já comunicava às autoridades do Império que passara a despachar de Teresina, a nova capital. Como não havia dinheiro, aguardava debaixo de palhoças improvisadas a construção, por particulares, dos prédios que alugariam ao governo provincial para funcionamento das repartições públicas. Ele mesmo, despojadamente, hospedara-se na casa de João Isidoro da Silva França, o mestre-de-obras contratado para planejar a cidade.

Daí a sentença lapidar de Higino Cunha:³

“ Teresina foi a criação da vontade de um homem convertida em lei, realizadora da antiga aspiração de alguns idealistas e visionários. Não teve infância, nasceu já adulta, com ares de princesa e com um nome próprio para gozar dos foros e prerrogativas de capital da antiga Província do Piauí.”

Assim nasceu Teresina. Os oeirenses, tomados de surpresa e revolta, só acreditaram que a mudança fora consumada quando, dias depois, o cofre do erário atravessava a ponte sobre o Mocha conduzido por um carro de bois, sob forte escolta armada. Aí cuidaram de abastecer o embornal para acompanhá-lo na longa viagem sem retorno, já que não estavam acostumados a viver distante das tetas do tesouro.

A fundação de Teresina encerra uma feliz singularidade. Trata-se, para orgulho de seus moradores, da primeira cidade brasileira planejada para os ofícios de capital. Depois viriam Aracaju (1854), Belo Horizonte (1897), Goiânia (1937), Brasília (1960) e Palmas (1989).

Eis a Teresina que começava a conhecer. Era então uma acanhada e provinciana cidade de menos de 150.000 habitantes. A zona urbana, centrada na faiscante Chapada do Corisco, espalhava-se pelo perímetro

² Mensagem à Assembléia Legislativa Provincial, de 11 de julho de 1846.

³ Diário Oficial do Estado, edição de 4 de janeiro de 1941.

projetado pelo mestre-de-obras João Isidoro da Silva França entre os rios Parnaíba e Poti ao tempo de sua fundação. Bairros, apenas alguns, todos rigorosamente localizados dentro desse perímetro, destacando-se o Cabral, o Porenquanto, o Mafuá, a Vila Operária, a Matinha e o Matadouro na zona norte, bem como a Piçarra, a Macaúba, o Barroço, a Catarina e a Vermelha, na zona sul. E ainda na zona norte, lá no encontro dos rios, fora, porém, desse perímetro, o povoado Poti Velho rejeitava valentemente a desolação a que fora condenado. Sim, a antiga Vila do Poti, rebaixada a simples povoação rural por força do nascimento de Teresina, perdera para o rebento não só a autonomia que adquirira em 1833, mas até a invocação a Nossa Senhora do Amparo, cuja capela tivera sua construção lá iniciada no distante ano de 1797.⁴ Ganhara, em compensação, atestado de longevidade com o simpático nome de Poti Velho.

Fora desses rígidos limites, a zona leste começava a ensaiar os seus primeiros passos após a inauguração do balneário da Socopo e a construção da ponte de concreto sobre o rio Poti, inaugurada pelo presidente Juscelino Kubitschek, em 1956, possibilitando a substituição de seus numerosos sítios e fazendas pelos primeiros loteamentos destinados aos novos-ricos. O chamariz era o glamoroso Jockey Clube com seu hipódromo. As corridas domingueiras concorriam poderosamente para empinar ainda mais o nariz da grã-finagem emergente. Mas a área só seria incorporada à zona urbana em 1962.

Não se conhecia asfalto nas ruas da cidade nem nas estradas. Aliás, para ser preciso, o asfaltamento das primeiras vias públicas só viria a ocorrer a partir de 1969, através do 2º BEC.⁵ Algumas ruas e praças centrais eram calçadas, é bem verdade, mas com pedras irregulares, tipo cabeça-de-jacaré, que a imaginação embromatória dos políticos apelidava pomposamente de poliédricas. Pavimentação poliédrica, assim eles diziam, quem sabe para fazer o povo acreditar que essa era a última moda assente nas praças de Nova York, Paris, Londres ou Roma.

Aliás, mesmo essa precária pavimentação era recente. A antiga Praça da Constituição, hoje Marechal Deodoro, por exemplo, embora abrigasse as

⁴ Pereira de Alencastre, *Memória Cronológica, Histórica e Corográfica da Província do Piauí*, Comepi, 1981, p. 36.

⁵ *O Dominical*, edição de 23 de março de 1969.

principais repartições públicas desde a fundação da cidade, só conheceu calçamento em 1946. A Praça Saraiva seria calçada para as festividades comemorativas do primeiro centenário, realizadas de 16 a 23 de agosto de 1952, já que fora marcada para o primeiro dia dessa programação a solenidade de inauguração da estátua do fundador da cidade, mandada esculpir no Rio de Janeiro pelo diretório acadêmico da Faculdade de Direito, após vitoriosa campanha de arrecadação de fundos.

Água e luz eram teoricamente fornecidas pelo anacrônico Instituto de Água e Energia Elétrica (IAEE), mas, convenhamos, a primeira saía da torneira do jeito que o Parnaíba a recebia do barrento Gurguéia e demais afluentes, isto é, sem qualquer tratamento. Significa dizer que, na época invernosa, pagava-se água e em contrapartida recebia-se apenas sebereba de tabatinga. E de luz nem se fala: a velha usina fazia a fortuna dos fornecedores de lenha, seu combustível. Quando funcionava, só garantia eletricidade das seis da manhã às dez horas da noite. O resto da noite era breu puro. Bom para aqueles que se dedicavam à arte de namorar curicas no adro da igreja de São Benedito, no alto da Praça Pedro II, na Praça Saraiva ou na Praça Marechal Deodoro, cenários ideais para tais conquistas.

Telefones, alguns poucos, porém barulhentos e indiscretos. Não permitiam a fala nem a escuta. Pior: quando as permitiam, de lado a lado não guardavam segredos. A precariedade era tanta que, em 1952, Teresina contava com apenas 450 telefones funcionando e 2.834 ligações domiciliares de água.⁶

Logo o IAEE resultaria desdobrado em duas empresas - a Agespisa e a Cepisa - enquanto que o ineficiente departamento de telefones daria lugar à Telepisa, três sociedades de economia mista constituídas pelo governo estadual na década de 1960.

Também, por aqueles dias, fora instituída a Fundação de Habitação Popular do Piauí, embrião da atual Cohab. A preocupação maior residia na eliminação da casa de palha, que dominava o panorama urbanístico da cidade, mesmo em suas principais ruas, convertendo-se em fonte de permanentes aflições e embates políticos em decorrência dos freqüentes

⁶ *Jornal do Piauí*, edição de 5 de julho de 1953.

incêndios que provocavam, sobretudo nos meses de b-r-o-bró. O assunto preocupava o deputado David Moreira Caldas ainda em 1868, ano em que o Profeta da República apresentara, na Assembléia Provincial, o polêmico projeto de lei criando uma verba para subsidiar as pessoas pobres na substituição por telhas da cobertura de suas palhoças.

Durante o dia, o ponto de maior concentração de pessoas era a Praça Rio Branco, sobretudo o Bar Carvalho e o Café Avenida, onde os aposentados, desocupados, políticos e intelectuais buscavam saber e transmitir as novidades. Se não havia notícias quentes para encher o dia, nem por isso a curiosidade deixava de ser satisfeita. Para isso havia o *Grande Jornal Q-3*, o noticioso da única emissora de rádio, a Difusora de Teresina, comandada por José Lopes dos Santos, pois a Clube e a Pioneira só seriam instaladas em 1961 e 1962, respectivamente. O bom-humorismo ficava a cargo do programa *Mariquinha & Maricota*, com Míriam Bona e Ana Maria Rego.

Havia também os jornais, sim, os jornais e suas costumeiras fofocas: *O Dia*, de Leão Monteiro, *O Pirralho*, de Alberoni Lemos, *Jornal do Piauí*, de José Vieira Chaves, *Estado do Piauí*, de Josípio Lustosa, *Jornal do Comércio*, de Bento Clarindo Bastos, e o novato *Folha da Manhã*, do deputado Marcos Santos Parente. À exceção do primeiro, que variava constantemente de opinião, e do segundo, que primava pela crítica política livre, os demais eram apaixonadamente político-partidários: *Jornal do Piauí*, pessedista, *Estado do Piauí* e *Jornal do Comércio*, petebistas, e *Folha da Manhã*, udenista. Talvez não para defender idéias, porém, com certeza, para chacoalhar a vida dos adversários.

À tarde e à noite, o eixo da agitação deslocava-se para a Praça Pedro II, onde funcionavam o Cine-Theatro 4 de Setembro, o Cine Rex, o Restaurante Acadêmico, a Sorveteria Bela Vista e o quartel da Polícia Militar. Também o Bar Carnaúba, este, cenário inesgotável dos mexericos do dia, vocalizados pela tradicional Rádio Calçada sob a batuta de Valdemar Sandes, Paulo Mota, Humberto Machado Coelho, Carlos Said, Dedé Gayoso, Wall Ferraz e outros.

Enquanto do quartel da Polícia Militar não partia o pontual toque de recolher das 21 horas, as moças casadoiras giravam em círculo no meio da praça, em mão contrária à dos rapazes. De frente, era mais fácil descobrir as belezas, piscar o olho esquerdo e sentir a reação. Se correspondido, entabulava-se o namoro. Foi lá que conheci a Socorro, resultando num

namoro que demoraria nove anos e num casamento que, abençoado por monsenhor Raimundo Nonato Melo na igreja do Amparo, em 8 de agosto de 1970, permanece por trinta e seis anos de muita compreensão, cumplicidade e carinho.

O repetido movimento circular na praça também dava oportunidade para que os rapazes pudessem avaliar muito bem as pernas das moças. Naquele tempo, quando nem se imaginava o milagre estético que o uso da calça jeans viria a proporcionar às mulheres nos presentes dias, o espantinho era moça de perna fina e torta, característica, por sinal, preconceituosamente apontada nas teresinenses talvez por algum conquistador frustrado.

Aos domingos, uma vez encerrado o expediente na praça, o destino era o Clube dos Diários para a tertúlia dançante. Quem não dançava, limitava-se a acompanhar o movimento com olhos cúpidos e curiosos. Terminado o baile, os rapazes que ainda dispusessem de alguns trocados rumavam para a Paissandu, a zona de meretrício bancada pelos cavalheiros da boa sociedade, onde era possível tentar algumas prevaricações, pois a noite lá estava apenas começando.

Depois de algumas cervejas bem geladas, caía bem tomar um caldo quente com ovos ou comer uma panelada, mão-de-vaca ou carne-de-sol, tudo com muito tempero, iguarias obrigatórias da culinária da Maria Maior no seu popular e pitoresco *Restaurante Copacabana Fala-se Hotel*. Para os mais ricos, o chique era comer a galinha da Júlia, prato de exportação tanto quanto o capote de hoje, e tanto quanto este, usado como mercadoria de troca para cativar os grandes do Distrito Federal, fosse Rio de Janeiro ou Brasília, não importa.

* (Divulgando o livro autobiográfico *Tempo de Contar*)